Pesadelo | Bruna Machado da Rocha

Úrsula, de nome forte, apresentava comportamento como a profundidade da entonação de seu vulgo. Era uma menina como muitas outras, e pelos seus treze, catorze anos só queria saber de brincar de salada mista e verdade-consequência com as amigas e os amigos do beco em que moravam.

Tinha vezes que brincavam de outras coisas, como encenar assaltos, trolar amigos, futebol, pique bandeira, enrolar cigarros falsos e contar mentiras. Os meninos eram os piores... como eram mentirosos. Se tudo o que dissessem fosse verídico, eles já teriam mais de cinco ISTs. Uma insanidade maior que a outra. Brincavam de abrir a janela do vizinho com a cabeça do pau, direto de suas casas, para realçar o tamanho daquilo que não se tinha e da pouca vergonha. Coisas de criança.

As meninas se preocupavam em ensaiar coreografias de seus artistas favoritos, fofocar sobre seus sentimentos joviais e, de vez ou outra, julgar uma concorrente (sabe lá de quê) pelos seus feitos que, se pudessem, teriam feito de modo ainda mais pervertido.

Mas assim era a rotina do Beco do Adaum, uma das vielas batizadas com o nome de um antigo morador. E apesar de beco, não era tão estreito quanto se pensa, chegava a passar um único carro por vez, desde que o motorista arriscasse seus pneus nos tampa-esgoto rústicos. Já as motos eram o tempo todo, sempre interrompendo uma de nossas brincadeiras, ou lembrando as mães do horário com barulho ainda mais irritante à noite, expulsando os mais jovens do seu lazer de rua.

Certo dia, Úrsula foi brincar com Nandinha, sua melhor amiga de beco, vizinha de parede. Estavam assistindo performances musicais enquanto penteavam o cabelo uma da outra. Quando se empolgavam, reproduziram os passos dos artistas da TV. Fofocas e pipocas, alegria dessas meninas. Nesta data, foram tão eufóricas em suas brincadeiras, pularam e cantaram tanto... e sem perceber, como crianças que eram, mergulharam em um sono profundo no horário da novela das sete. A mãe de Úrsula, dona Altupina, só foi dar falta da filha depois da novela das nova. Afinal, tinha muitas crianças para cuidar e Úrsula, apesar de sonsa, tinha a confiança de sua mãe, que sabia que sua filha era ainda muito virgem de vida, mas inteligente e sagaz.

Por volta das 10h da noite, dona Altupina se preocupou demais, algo não estava certo, Úrsula já teria voltado pra casa. Aposto que essa garota tá de putaria com alguém - bravejou para as paredes da sala. Com os filhos jantados e prestes a dormir, Altupina se viu obrigada a fazer alguma coisa. Desceu, foi até as vizinhas de frente que fumavam o derradeiro do dia e perguntou do paradeiro de sua filha, mas não souberam dizer. Já tarde, teve que procurar pelas vielas da favela. Andou, girou, foi até às lanchonetes ainda em funcionamento, na quadra do fundão, na praça do bairro, fora da favela, e nada de Úrsula. A raiva Altupina pela filha com tão malcriação foi substituída pelo terror, pelos piores pensamentos: sequestro, abuso, morte. Foi então que decidiu ir até os caras da boca de fumo. Explicou a situação, disse que não via a filha desde às 4h da tarde e que Úrsula usava um vestido laranja e verde. E entre controlar a fala e os gritos repentinos de desespero pela desinformação de sua filha, um dos traficantes pedia calma à dona. Mas o que podiam fazer? Garantiram que

ficariam de olho na descrição passada e que qualquer atividade suspeita de violência na favela contra criança não ia ter conversa, alguém teria que ficar de exemplo.

Durante todo esse caos, no meio da madrugada, Úrsula acorda de seu sono profundo e percebe que perdeu a hora na casa da amiga-vizinha-preferida. Rapidamente, desceu as escadas de lá e subiu as suas ao lado. Ao chegar na sala, um de seus irmãos, ainda acordado, pergunta num tom indignado por onde Úrsula estava. Ela, leve como uma criança sem pecados, disse brevemente a verdade. Seu irmão já a condena: mamãe vai te matar!

A filha perdida ficou da janela, na esperança de demonstrar o mais rápido possível para sua mãe que, viraria do beco a qualquer momento, sua segurança em casa.

Eis que dona Altupina virou no beco alguns minutos depois. E chorando, só olhou para cima, para a janela do segundo andar perto da porta de entrada. Viu o sorriso sereno de Úrsula, que acena suavemente. Do medo agoniante, a mãe passou a sentir uma raiva furiosa, maior que a anterior. Subiu as escadas pensando em todos os lugares por onde procurou Úrsula e só se questionava a cada degrau: onde estava essa garota? Com rugidos.

Até que dona Altupina olhou no fundo dos olhos de sua filha mais velha, que nunca tinha desafiado seu coração de tal modo, que servia até então brilhantemente de exemplo para seus irmãos. Olhou tão profundamente que Úrsula demorou pouco para perceber a ira de sua mãe. Foi a única vez que Altupina bateu em Úrsula, foram dois tapas na perna, com chinelo. Rugia de raiva, gritando que sua filha queria deixar ela

maluca. Como podia ter feito isso com sua mãe, com o coração de sua mãe.

Úrsula chorou, como uma criança. Mas no fundo, tinha a sensação de que tinha dado mole. Poderia ter voltado antes para casa. Poderia ter dado um aviso breve. Poderia deixar um bilhete. Poderia estar atenta ao horário. “Mas como, se eu estava dormindo?”, buscava para se aliviar da culpa.

A vida seguiu normal e parece que ambas aprenderam muito com o episódio.